

País receberá US\$ 1 bi para garantia de acordo

CORREIO BRAZILIENSE

2661 1992

São Paulo — O presidente do Citicorp, John Reed, admitiu (ontem) que o grupo dos bancos credores privados deverá emprestar entre 500 milhões e um bilhão de dólares de dinheiro novo ao Brasil, para que o País possa oferecer as garantias necessárias nesta primeira etapa da renegociação da dívida de 42 bilhões de dólares com os bancos credores privados (as garantias são recursos a serem depositados escalonadamente pelo País em forma de títulos do Tesouro norte-americano).

“As garantias deverão somar de dois bilhões a quatro bilhões de dólares e o Brasil não tem todo o dinheiro na mesa agora”, explicou Reed, ressaltando que, segundo a equipe econômica, o País tem mais ou menos um bilhão de dólares junto ao FMI e ao Banco Mundial e as reservas brasileiras são bastante voláteis (de mercado financeiro), o que impossibilita o lastreamento para empréstimos de longo prazo.

Reed disse que a reunião em Brasília, na última terça-feira, com o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e o presidente do Comitê Assessor dos Bancos Credores, William Rhodes, foi justamente para tentar saber de onde sairá o dinheiro para as garantias. “A situação é a seguinte: há fundos limitados do FMI, reservas limitadas e dinheiro novo limitado dos bancos privados. Acho que chegaremos a uma solução em três ou quatro semanas, mas é difícil saber os

cálculos porque dependerá da resposta de cada um dos bancos credores”, acrescentou o **chairman** do Citicorp, ressaltando que “o problema hoje é matemática”.

“A diferença em relação ao acordo do México, por exemplo, é que os mexicanos tinham mais recursos por terem assinado um **Extended Fund Facility** com o FMI”, explicou ele. O acordo brasileiro assinado com o FMI é **stand by**, ou seja, prevê uma revisão de três em três meses, enquanto o acordo mexicano é revisado a cada três anos. “Estou aqui para resolver como Citi vai responder as garantias. Nossa decisão, como maior credor e como chefe do Comitê Assessor, terá importância psicológica na deci-

são dos outros bancos. Temos que sair na frente e tomar parte no desembolso do dinheiro novo”, justificou Reed, que pessoalmente considera um bilhão de dólares em dinheiro novo uma quantia muito alta.

Ele não escondeu que veio passar quatro dias no Brasil para saber como anda a economia e os resultados da política econômica. Reed disse que volta com uma impressão positiva da nova equipe, da política econômica, das melhoras na taxa de inflação e do avanço do trabalho do Governo junto ao Congresso. “Tenho que dar duas notas à nova equipe econômica. Aos planos que existem e à energia para concretizá-los, a nota é 9 e dez.